

# A NUÁRIO ' 2016

## DA SUINOCULTURA INDUSTRIAL

ISSN 2177-8930

Nº 06/2015 | ANO 38 | Edição 267 | R\$ 45,00

**Gessulli**  
AGRIBUSINESS  
REFERÊNCIA E INOVAÇÃO

## SUINOCULTURA EM ANO ESTÁVEL

Com leve crescimento na produção e nas exportações, oferta e demanda da carne suína permaneceram ajustadas. Os custos sofreram forte elevação principalmente no segundo semestre e tendem a permanecer altos em 2016, puxados pelo aumento do dólar, que impactou sobre os preços internos de milho, soja e dos insumos importados.



**15** ANOS  
**avesul**  
DESDE 2002

03 a 05 de maio de 2016  
Florianópolis | SC | Brasil  
CentroSul

ENTREVISTA

Christian Lohbauer, diretor da Sociedade Rural Brasileira, explica os principais pontos do Tratado Transpacífico e os possíveis impactos dele para as exportações do agronegócio brasileiro.

## COMO VAI A SUINOCULTURA BRASILEIRA?

A crescente luta das grandes indústrias brasileiras por participação no mercado nacional e internacional e os novos investimentos para a expansão da produção levaram a um aumento no volume produzido de carne suína em 2015. As informações, tanto dos fatores de custo de produção como dos preços dos produtos suínos, sinalizam para um ano difícil para o setor.

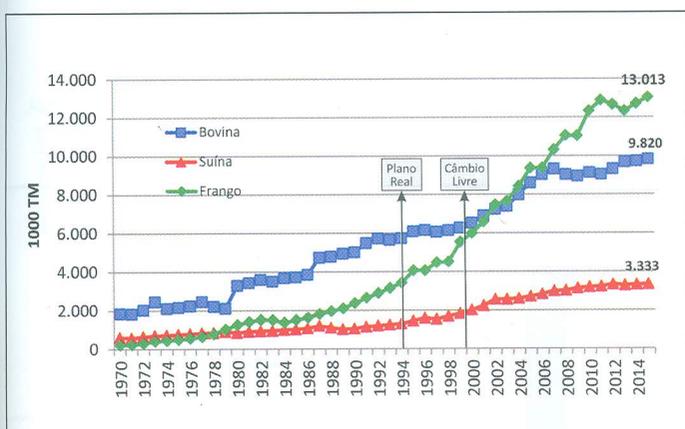
Por Dirceu João Duarte Talamini e Jonas Irineu dos Santos Filho, pesquisadores da Embrapa Suínos e Aves



niciamos nossa análise posicionando a carne suína no conjunto das principais carnes produzidas no Brasil. Apesar de ser a mais produzida e consumida no mundo, no Brasil não é a principal carne em volume de produção. No entanto, é uma proteína utilizada em di-

versos produtos processados, com agregação de valor, movimentando uma cadeia produtiva longa e com grande geração de renda e empregos. Na Figura 01 podemos observar alguns fatos importantes no que se refere à evolução dos volumes de carnes produzidas no Brasil.

**FIGURA 01. PRODUÇÃO DE CARNES NO BRASIL ENTRE 1970 E 2015 (USDA; 2015 ESTIMATIVA)**

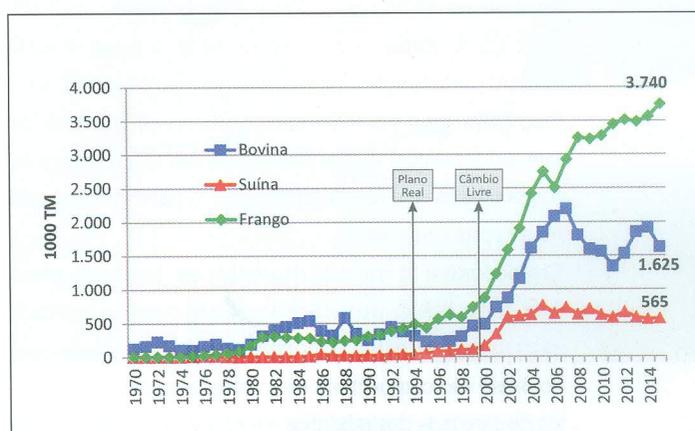


Observa-se que o setor de carnes do Brasil vinha num crescimento lento até meados da década de 90, quando respondeu positivamente ao programa de estabilização financeira, o Plano Real, implantado em fevereiro de 1994. Depois, com a desvalorização do real e liberalização do câmbio a partir de 1999, o setor alavancou a produção e as exportações do País. Se considerarmos a evolução entre os anos de 1990 e 2014, veremos que as produções das carnes de frango, bovina e suína cresceram percentualmente com cifras de 439, 94 e 216, respectivamente. É uma resposta muito positiva especialmente para o frango, seguido pela carne suína e com menor resposta na bovinocultura. Esta última carne, convém lembrar, tem um ciclo de produção mais longo, é uma cadeia menos organizada e coordenada, usa menos tecnologia e concorre no uso das áreas agrícolas com a produção de soja.

Nesta análise convém examinar também a evolução das exportações das carnes. A Figura 02 mostra que apesar das exportações de carne bovina e de frangos terem tido crescimento na década de 80, foi apenas após a mudança da regra cambial no final de década de 90 que o Brasil acelerou e se fortaleceu no cenário internacional, em especial na carne de frango e de bovinos. A exportação de carne suína era muito baixa até o ano 2000, quando ocorreu acentuada expansão. Só que, infelizmente, ela não manteve as taxas de crescimento, mostrando até uma tendência de queda nos últimos anos. Mesmo assim, se calcularmos o crescimento entre 1990 e 2014, essa carne teve o maior incremento relativo nas exportações no

período, com 2.826%, pois o volume em 1990 era bastante baixo, enquanto que a carne de frango cresceu 1.086% e a de bovinos 667%. Estes números posicionam o Brasil como maior exportador mundial das carnes bovina e de frango e na quarta posição na carne suína (após a União Europeia, Estados Unidos e Canadá). No que se refere à produção, o Brasil ocupa a segunda posição mundial na produção de frangos e de bovinos, após os Estados Unidos, e a quarta posição na produção de suínos, atrás da China, União Europeia e Estados Unidos.

**FIGURA 02. EXPORTAÇÃO DE CARNE PELO BRASIL ENTRE 1970 E 2015 (USDA; 2015 ESTIMATIVA)**



No que se refere às exportações brasileiras de carne suína, ainda que crescentes no período 2014/2015, o País não vem apresentando nos últimos 13 anos um bom desempenho no mercado internacional. Após um expressivo crescimento das exportações a partir de abertura cambial e do pico de 761 mil toneladas nas exportações atingido em 2005, elas deixaram de crescer e têm apresentado *up and down* em anos descontínuos. O forte crescimento nas vendas externas no início do século ocorreu devido às importações do mercado russo e do Mercosul, os quais, contudo, buscaram ampliar suas produções e diminuir a dependência das importações. As estimativas do USDA, por exemplo, preveem queda significativa das importações russas em 2016.

A consequência é que, enquanto as exportações mundiais de carne suína passaram de 4,7 milhões de toneladas em 2004 para 6,9 milhões de toneladas em 2014, as exportações brasileiras passaram de 621 mil toneladas para 556 mil toneladas no mesmo período, perdendo *share* no mercado mundial.

## POR QUE ISTO ESTÁ OCORRENDO?

Porque o Brasil não participou de mercados em expansão de importantes novos *players* nas importações da carne suína, sendo a ausência no mercado chinês um grande exemplo. Em 2004, as importações da China representavam 3% do total das importações mundiais, passando a participar com 11,96% em 2014. A Coreia do Sul teve um salto na sua participação no volume de compras de carne suína no mundo, passando de 5,18% para 7,54%. O México, de forma semelhante, passou de 10,18% para 12,86%. Outros países, como Filipinas, Austrália, Angola e Colômbia, tiveram aumento na participação nas importações mundiais. As Filipinas passaram de 0,96% para 3,14%, a Austrália de 1,82% para 3,00% e Angola passou de 0,40% para 1,51%. Entre os novos mercados, o Brasil somente tem participação expressiva nas exportações para Singapura (que em 2004 tinha participação de 2,4% do mercado mundial e caiu para 1,84% em 2014) e Angola, o que mostra que ainda existe espaço para ser ocupado no mercado mundial.

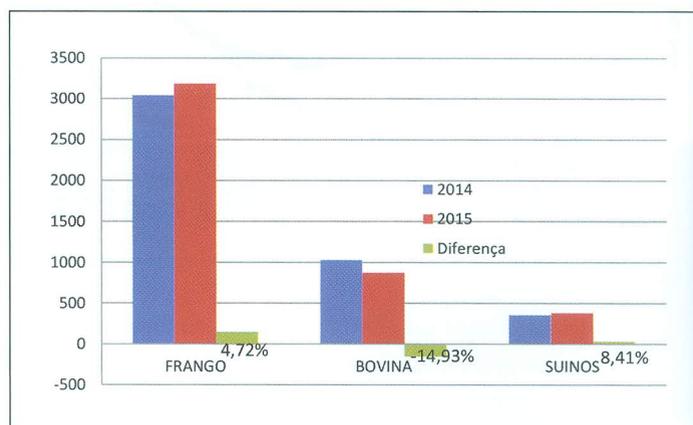
Entendemos que isso está ocorrendo em função da nossa falta de tradição e de iniciativa/agressividade no mercado internacional da carne suína, já que os Estados produtores do Brasil são competitivos em custos, atendem os requisitos de sanidade dos rebanhos e a nossa carne suína possui qualidade reconhecida. Enfim, estamos no mesmo nível dos demais países produtores. Além disso, o Brasil é um país livre de PRSS, PED, Vaca Louca e Gripe Aviária, doenças que hoje assolam o mundo. É importante ressaltar, no entanto, que, apesar do nosso status sanitário privilegiado, um problema que afeta negativamente nossa presença no mercado mundial é a ocorrência de surtos esporádicos da febre aftosa em bovinos no território nacional.

Em termos de competitividade de preço, o Brasil ainda produz o suíno mais barato do mundo (INTERPIG, 2015), tendo como concorrentes diretos somente os Estados Unidos e o Canadá. A Dinamarca, pela sua tradição, por ter alto conceito de qualidade no mercado internacional e por certo nível de subsídio da União Europeia, mesmo com custos superiores, é também um importante *player* no mercado internacional.

No ano de 2015, as exportações brasileiras de carnes foram crescentes, com exceção da carne bovina, conforme Figura 03, que apresentou um decréscimo no volume exportado. Esse recuo ocorreu, principalmente, devido à queda na produção nacional e ao aumento dos preços

dos principais cortes no mercado interno. No caso da carne de frangos e de suínos, o aumento na produção foi seguido de aumento nas exportações, de 4,72% e 8,41%, respectivamente.

**FIGURA 03. EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNES *IN NATURA*, JAN A OUT, 2014 E 2015, MIL TONELADAS (MDIC, 2015)**

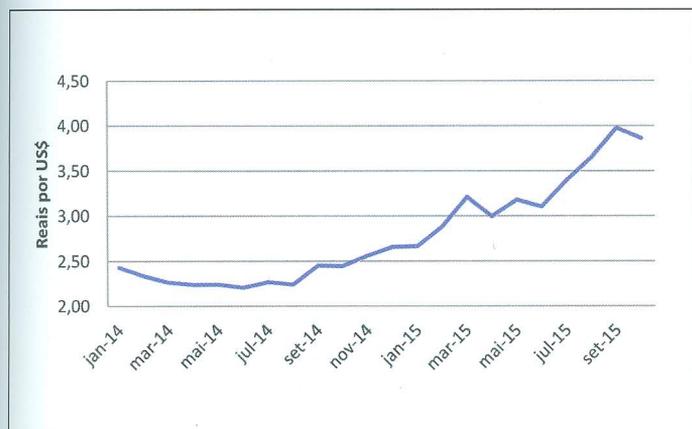


Vamos examinar com mais profundidade os anos mais recentes, no que se refere aos preços das carnes e dos principais itens do custo de produção nos mercados internos e externos. Uma variável que tem grande impacto nas atividades econômicas é a taxa de câmbio, pois, por um lado, quando o real se desvaloriza, as receitas da exportação aumentam, mas, por outro, os insumos de produção encarecem. A figura abaixo ilustra a grande desvalorização do real, em especial depois de agosto de 2014, perdendo cerca de 60% de valor até outubro de 2015.

Apesar da forte desvalorização do real sugerir ganhos expressivos para os segmentos exportadores, infelizmente não é essa a realidade que se constata para a carne suína. Apuramos que, ao descontar o aumento de custos e da queda do preço internacional da tonelada da carne suína registrados entre 2014 e 2015, desapareceram os ganhos proporcionados pela desvalorização do real.

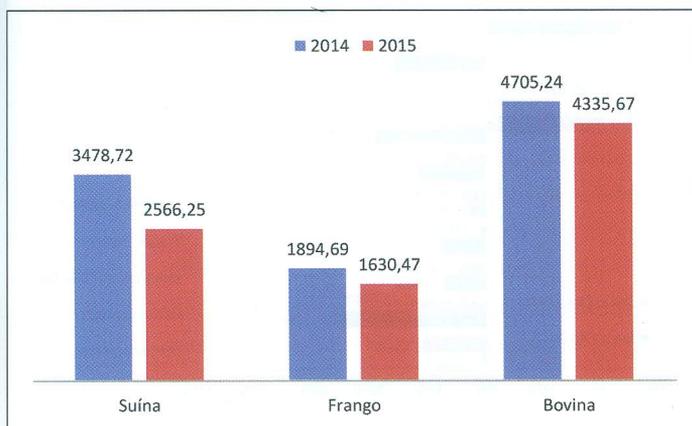


**FIGURA 04.** VARIAÇÃO DA TAXA DE CÂMBIO COMERCIAL ENTRE JAN DE 2014 A OUT 2015 (IPEADATA)



O efeito do câmbio nas receitas com as exportações e nos custos dos insumos importados, no entanto, não se traduzem integralmente em ganhos quando convertidos em reais. As variáveis econômicas se comunicam e se ajustam. O primeiro ajuste ocorreu nos preços das carnes exportadas como pode ser observado na figura abaixo, onde verificamos que, comparando os valores de janeiro a outubro de 2014 com o mesmo período de 2015, o valor em dólares norte-americanos da tonelada das carnes *in natura* caiu, com percentuais de 26,23% para a suína, 13,95% para a de frangos e 7,85% para a bovina, conforme dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC).

**FIGURA 05.** VALOR MÉDIO DE EXPORTAÇÃO DA TONELADA DE CARNE DO BRASIL EM 2014 E 2015 (JAN A OUT, MDIC)



Do lado dos custos de produção, nos quais participam inúmeras variáveis, procuraremos verificar o comportamento dos preços de dois insumos, do milho e do farelo



A resposta da suinocultura brasileira no mercado externo é lenta e, mesmo exportando para mais de 70 países, ainda estamos fora dos mais importantes mercados, como Japão, China, México e Coreia do Sul.

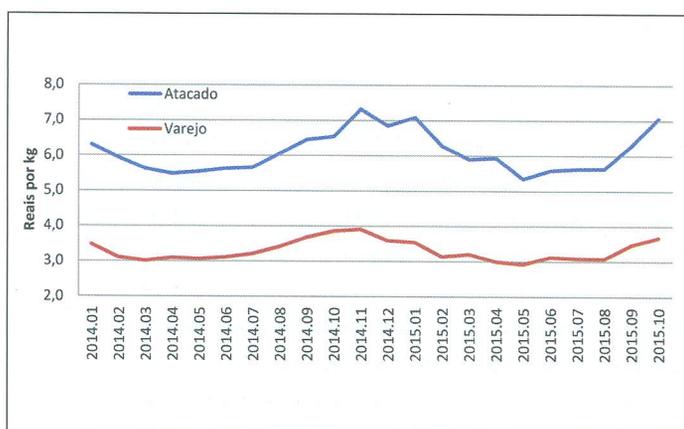
de soja, que possuem um grande peso na produção. O custo da carne no ponto de venda é o somatório dos custos de produção do animal vivo, mais o custo do abate e processamento, transporte, impostos, embalagens, entre outros. Não pretendemos desagregar estes custos porque eles são específicos para cada momento e cada situação, mas discutir variáveis indicadoras de resultado econômico.

Vamos desenvolver um exemplo simples apenas para ilustrar os ajustes das variáveis econômicas representadas pelos preços, custos e receitas para o caso das exportações da carne suína *in natura*. Tomando o valor das exportações em dólares americanos para o período de janeiro a outubro de 2014, que foi de US\$ 3.478,72 por tonelada, e para o mesmo período de 2015, que foi de US\$ 2.566,25, observamos que ocorreu uma redução de 26,23% no valor. O efeito "benéfico" do câmbio ocorre com a desvalorização da moeda brasileira, sendo que o dólar médio para o período considerado em 2014 era 2,31 e para o mesmo período deste ano era de 3,29, representando uma desvalorização de 42,4%. Essa desvalorização do real representa um ganho na transformação dos valores exportados em

dólares, porém este valor já inicia com a perda de 26,23% da queda no preço da carne suína *in natura* exportada. O efeito câmbio ainda deixa um saldo positivo de 16,17% para cobrir outros aumentos de custo. Se examinarmos a variação entre janeiro e outubro de 2015 dos preços dos principais itens do custo de produção do suíno vivo, que são o milho, farelo e óleo bruto de soja, encontramos valores de 15,84%, 19,10% e 30,84%, respectivamente, segundo dados do DERAL-PR. Se considerarmos o aumento do custo da energia elétrica que foi de 50,60% e do óleo diesel, de 10,99%, que impactam o processamento industrial e o transporte, constatamos que desaparecem os ganhos com a desvalorização do real.

Quanto aos preços recebidos pelo suíno vivo pelos produtores e pela carcaça suína no atacado, apresentados na Figura 06, observa-se que após um período de preços mais elevados, principalmente entre julho de 2014 até início de 2015, ocorreu um período de queda e uma retomada de preços depois do mês de agosto, possivelmente reflexo dos aumentos do custo de produção. Os preços dependem da capacidade dos mercados internos e externo de absorverem eventuais aumentos de oferta e de custos. Em relação a este ponto, apesar das festas de final de ano que se aproximam, ainda não é claro neste momento como se comportará a demanda interna, tendo em vista a queda do PIB prevista para este ano.

**FIGURA 06.** PREÇO DO KG DE SUÍNO VIVO AO PRODUTOR E DA CARCAÇA NO ATACADO, PARANÁ, JAN 2014 A OUT 2015 (DERAL)

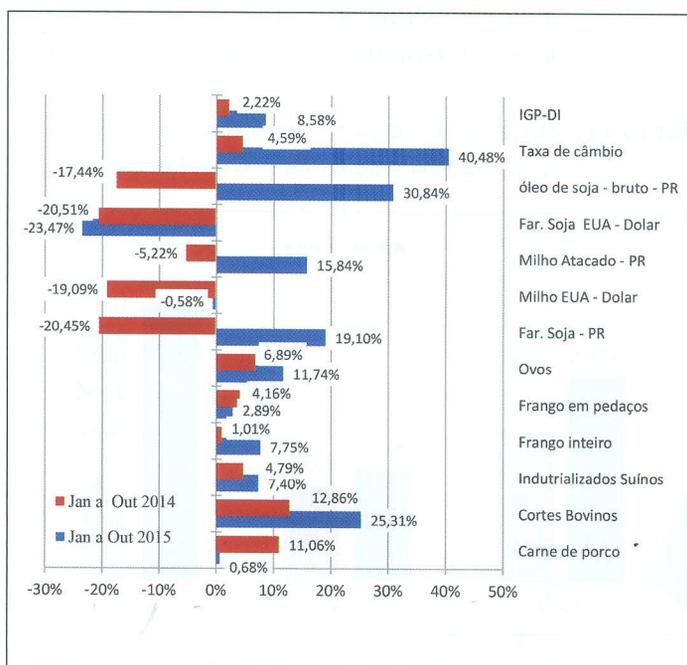


A Figura 07, a seguir, apresenta a variação dos preços das carnes, dos insumos e de alguns indicadores econômicos do mercado interno e do exterior, nos meses

de janeiro a outubro de 2014 e 2015, juntamente com outras informações interessantes para as cadeias produtivas das carnes. Se examinarmos a variação dos preços das carnes no ano de 2015, constatamos que os preços em geral se elevaram, com diferentes percentuais, puxados, cremos, pelo preço da carne bovina, que subiu 25,31%, seguida pelo frango inteiro, com 7,75%. Enquanto isso, a carne suína teve um incremento de apenas 0,68% nesse ano, apesar de ter tido uma elevação de 11,6% em 2014. Os produtos industrializados de suínos, por outro lado, tiveram um incremento de 7,4% em 2015 e 4,79% no mesmo período de 2014.

As informações, tanto dos fatores de custo de produção como dos preços dos produtos suínos, sinalizam para um ano difícil para o setor. Por um lado, os custos de aquisição dos principais insumos tiveram acréscimos superiores aos acréscimos de receita nas vendas. A situação foi mais difícil para o mercado interno, principalmente para as indústrias dedicadas ao mercado de carne *in natura*.

**FIGURA 07.** INDICADORES ECONÔMICOS E VARIAÇÃO DE PREÇOS DOS INSUMOS E PRODUTOS CARNEOS NO BRASIL, 2014 E 2015



Fonte: Cálculo dos autores com dados do IPCA-IBGE, FGV, IPEADATA, SEAB-PR



# EuroTier

A maior feira do mundo para profissionais da zootecnia

A crescente luta das grandes indústrias brasileiras por participação no mercado nacional e internacional e os novos investimentos para a expansão da produção, principalmente no Paraná, levaram a um aumento expressivo no volume produzido de carne suína em 2015. A resposta no mercado externo é lenta e, mesmo exportando para mais de 70 países, ainda estamos fora dos mais importantes mercados, como Japão, China, México e Coreia do Sul.

O mercado interno também preocupa e aparentemente estamos chegando ao final de um período favorável. No Brasil, nos últimos anos, o crescimento do PIB aliado a melhor distribuição de renda da população foram os grandes determinantes do crescimento do consumo de produtos cárneos, permitindo o crescimento da produção. Em 2015, as estimativas do Fundo Monetário Internacional sinalizam para um crescimento negativo do nosso PIB próximo ou acima dos 3%. Para 2016, as estimativas são de nova queda, superior a 1%. Os problemas políticos do Brasil, o total descontrole das contas públicas e o problema energético do País emergem como os maiores gargalos para o crescimento nestes dois anos. Além destes, mantêm-se ainda as dificuldades tradicionais da burocracia excessiva, deficiências da infraestrutura e logística, da legislação trabalhista e do peso e complexidade da tributação, que são temas recorrentes no debate político-econômico nacional.

A cadeia produtiva de suínos é complexa e longa e está movendo-se continuamente em direção à produção integrada, que apresenta vantagens quanto à coordenação e governança, e, em alguns casos, com a verticalização da produção nas empresas de abate e processamento, que em geral lideram os investimentos e as estratégias da cadeia produtiva com um todo. Parte dos insumos e produtos necessários à produção dos animais e processamento da carne é obtida de empresas especializadas, de capital independente, mas com boa sintonia de objetivos. A estrutura da suinocultura integrada brasileira pode ser esquematizada conforme a Figura "Produção Integrada de Suínos" na próxima página.



Visite-nos em nosso stand 418 A na feira IPPE

- Presença de 160.000 visitantes interessados em novas tecnologias da pecuária, suinocultura, avicultura e aquicultura
- Mais de 2.400 expositores internacionais numa área de 240.000 m<sup>2</sup>
- Programação completa sobre a produção animal – criação, nutrição, manejo, processamento e marketing
- Tecnologias de ponta na produção de energia renovável e abastecimento descentralizado de energia

De 15 a 18 / 11 / 2016  
Hanôver, Alemanha

Tel.: +49 69 24788-265, E-Mail: expo@DLG.org

Organização



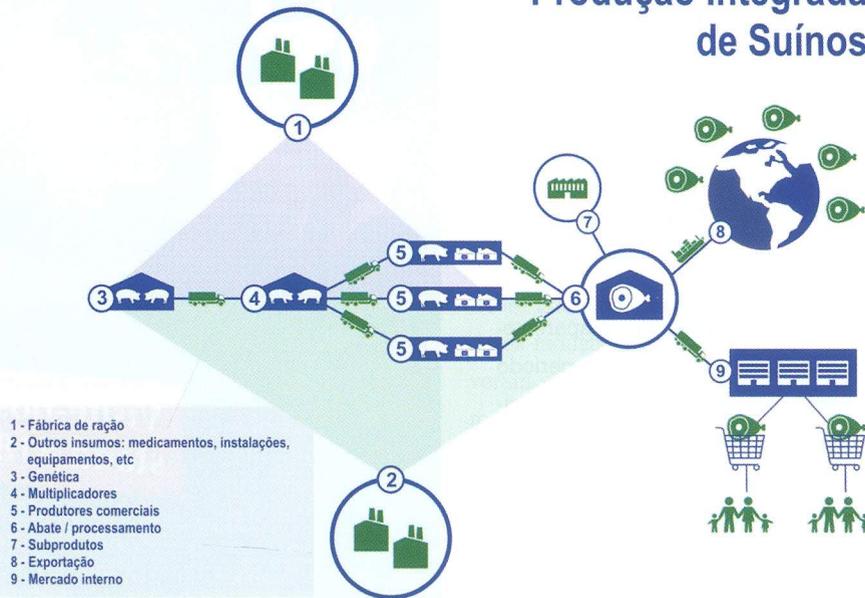
www.DLG.org

www.eurotier.com

inclusive



## Produção Integrada de Suínos



Um fato novo nas análises da suinocultura brasileira é a internacionalização das empresas BRF e JBS. Empresas multinacionais geralmente passam a olhar as estratégias de investimentos e expansão dos negócios a partir de uma visão de mundo, significando que o modelo brasileiro de produção e integração passa a ser comparado com o dos outros países onde essas empresas atuam, existindo a opção da possibilidade de escolha dos países com maior estabilidade política e econômica, menor burocracia e/ou de melhor lucratividade para seus investimentos. Quanto ao Brasil, se este comportamento se concretizar, abrirá espaço para a implantação e operação de empresas menores, com foco em mercados local, regional ou nacional.

As informações apresentadas mostram que forças internas e externas à cadeia produtiva de suínos, decorrentes do agravamento dos problemas do Brasil - instabilidade política, recessão econômica e crise institucional - estão afetando a cadeia e acreditamos serão os fatores determinantes do seu desempenho futuro, definindo crescimento

da produção, do consumo interno e das exportações nos próximos anos. Nossa suinocultura passou por bons períodos, em especial no ano de 2014, onde o otimismo motivou a preparação de planos de investimentos em estruturas novas e na modernização das instalações existentes, tanto na produção de animais como no abate e processamento,

que, no entanto, tiveram adiadas suas implantações devido às expectativas negativas que se formaram sobre a economia, no momento.

Enfim, a vida segue, novos caminhos e situações, desconhecidos, vão se apresentar em 2016. Nos últimos anos, as mudanças nos ambientes de negócios da suinocultura foram muitas e profundas. Acreditamos que o próximo ano deverá ser dedicado a consolidar os novos arranjos e negócios

iniciados, com muito cuidado quanto aos impactos que as incertezas da política e da macroeconomia vão apresentar. Assim, apesar de eventuais dificuldades, a suinocultura brasileira deverá continuar sua trajetória de competência e profissionalismo e conquistar sua merecida posição no cenário nacional e internacional. 

